

Transmetodologia, cidadania comunicativa e transformação tecnocultural

Alberto Efendy Maldonado

Doutor; Universidade do Vale do Rio dos Sinos

efendymaldonado@gmail.com

Resumo

Os processos históricos de mudança que acontecem no mundo e, em especial, na América Latina e no Brasil inspiram esta reflexão teórica metodológica. Conflui nela, a transformação *tecnocultural* expressa na *digitalização* das condições de produção e dos meios de comunicação social; os processos político sociais de mudança na América Latina; a possibilidade de superar as *democracias liberais restritas*; e a estruturação de estratégias de produção de conhecimento orientadas à transformação sociocultural, que as epistemologias não hegemônicas vêm propondo nas últimas décadas. O objetivo da argumentação busca suscitar problematizações teóricas que inter-relacionem as dimensões referidas; em oposição à lógica linear instrumental, abre bifurcações epistêmicas que questionam o instrumentalismo fácil dos resultados prontos.

Palavras-chave

Transformação digital. Cidadania comunicativa.

Transmetodologia.

1 Mudança tecnocultural

A configuração de dimensões digitais culturais, nas três últimas décadas, expressa uma mudança profunda, qualitativa, que desestrutura os processos midiáticos e comunicacionais, e os enquadramentos de produção simbólica, estabelecidos pela matriz das grandes *indústrias culturais* do capitalismo oligopólico do século XX. Em confrontação e negociações com essa mudança, os sistemas midiáticos transnacionais e oligárquicos ainda permanecem hegemônicos no contexto mundial e nacional, da maior parte de países do globo. Porém, as transformações fluem em um conjunto de processos de produção de bens comunicativos e culturais, que se estruturam na *multidimensionalidade* do mundo digital (CASTELLS, 2013). Nessas

novas condições de fabricação de mensagens, de informação, de arte e de conhecimento, as possibilidades de renovação, experimentação e invenção são amplas, abrindo possibilidades de experimentação estética, comunicacional, política e social suscitadoras. Nessa perspectiva, são ilustrativos os exemplos de experimentação fotográfica, musical, radiofônica e audiovisual das novas gerações de produtoras e produtores que aproveitam as potencialidades e os recursos das tecnologias digitais para produzir conjuntos simbólicos de singular expressividade e força.

A revolução, em termos dos *suportes de produção*, é profunda. Em primeiro lugar, acabou a dependência produtiva do uso de materiais atômicos (papel, plástico, madeira, couro, vidro, etc.), o que provoca a queda dos custos de produção. Em segundo lugar, se geraram condições de interpenetração de subcódigos, códigos, lógicas, narrativas e formatos, os quais tornam possível a configuração de tempos/espacos hipertextuais que permitem avançar na manifestação de conceitos, ideias, percepções, noções e conteúdos de modo confluyente e dialético. É assim que a diversidade e complexidade do real, na condição digital, se manifestam de modo mais adequado, amplo, rico e profundo se comparadas com as outras configurações textuais. Numa terceira linha, também de mudança, constata-se que o exercício da produção estética, tanto quanto alcança os níveis de produção artística ou quando se manifesta de modo artesanal/operativo, tem na realidade digital, no concreto produtivo digital, uma ampliação das possibilidades de participação, dado que as habilidades e os talentos na fabricação de conjuntos simbólicos/culturais dependem menos dos talentos corporais e instrumentais e depende mais do talento (eixo lógico paraconsistente) e das competências para lidar com a dimensão estética/sensitiva de configuração de objetos comunicacionais. Assim, as competências combinatórias, de estruturação, dialéticas e paradoxais contribuem mais para as construções digitais que as habilidades plásticas e corporais presentes nas estruturas pré-digitais. Num quarto aspecto constitutivo, esses suportes têm um potencial de propriedade comunicativa muito maior que os suportes atômicos, eles estão mais próximos da velocidade do pensamento, da complexidade da mente, da dimensão poética e científica do cérebro humano; se comunicam melhor e comunicam de maneira hipertextual o que é concebido, organizado e configurado pelos investigadores, artistas e pessoas comuns. Essa propriedade torna as tecnologias digitais mais adequadas para a transformação, a mudança, a revolução e o exercício da cidadania comunicacional, tanto pela sua flexibilidade estrutural quanto pelo potencial de confluência que possuem. Para os propósitos desta argumentação, numa quinta perspectiva, os *suportes de produção simbólica digital*, dada sua estrutura informática de abertura para

amplas conexões em rede, se distanciam da lógica estrutural física (urbana dos sofisticados guetos do mundo desenvolvido) e da lógica econômico política da *propriedade privada espacial*, tanto no modelo de condomínios (muito similar ao das cidades feudais, ou ao das aldeias puritanas conservadoras), quanto do modelo dos estados “pasteurizados” construtores de grandes muros de apartheid (Israel, Estados Unidos e em breve União Européia).

Os *suportes comunicacionais digitais* favorecem assim as relações multiculturais; o intercâmbio de conhecimentos não-oficiais; a mescla produtiva de arte e produção estética (mundo sensível manifesto); o conhecimento de outras formas de vida, de valores, costumes e hábitos sociais; o reconhecimento de epistemologias múltiplas (não só a razão axiológica, instrumental excludente). A categoria *relação, inter-relação*, que é um componente central da compreensão da *comunicação*; nos processos digitais tem condições de expansão, aprofundamento e diversificação maiores; como também de novas qualificações, gerando redes de vários tipos, entre elas um número significativo que pensa e age pela construção de formas de vida que superem a hegemonia capitalista.

Nos processos comunicacionais digitais se constata inúmeras possibilidades de criação, produção e mudança social; mas, ao mesmo tempo, ainda existem grandes obstáculos culturais, educativos, políticos e sociais que freiam a mudança. Entre esses empecilhos, talvez o menos difícil de superar seja o do *acesso* às mídias e recursos digitais se considerarmos que a lógica do capital joga a favor da expansão e penetração dessas tecnologias em amplos setores da população, conforme mostra a história de penetração da internet no Brasil, na América Latina e no mundo. O *capital* precisa expandir-se constantemente, reestruturar seus produtos (modelos) em ciclos cada vez mais curtos, no caso da informática este fator é ainda mais acelerado e, o sistema também, pela sua lógica produtiva, precisa constantemente diminuir custos e expressando-se selvagem (desemprego) e civilizador (oferece tecnologias para amplos grupos) (PIKETTY, 2014). É sintomático o que tem acontecido com o mercado de computadores no Brasil e na América Latina entre 2005 e 2015, a queda dos preços dos aparelhos se dá em proporção geométrica e em sentido inverso ao aumento de possibilidades técnicas das máquinas a disposição, cada vez mais a oferta se aproxima, em termos de qualidade, aos ofertados nesses mercados, dada a diminuição dos ciclos de vigência dessas máquinas (ciclos mensais). Nos países emergentes, por exemplo, vão se estruturando condições de base para superar os oligopólios (China, Índia, Brasil, Finlândia, Rússia, Coreia, etc.); as leis e regulamentos, desses países, buscam favorecer a estruturação de pesquisa e indústria de informática, e procuram uma mudança estratégica de base da produção digital. O aspecto econômico-

político do problema do uso, acesso e fruição das tecnologias digitais não é o maior, nem poderá impedir a expansão penetração desses bens tecnoculturais nas nossas sociedades; nessa linha a lógica capitalista seguramente se apresentará como civilizadora (HARVEY, 2014).

O maior problema tecnocultural e comunicacional situa-se na dimensão do *conhecimento* e das tecnologias do espírito. É necessário promover uma *revolução tecnocultural*, que modifique os planos, modelos e programas de formação das novas gerações; há que inserir a pesquisa, a experimentação empírica e a experimentação mental desde o ensino básico. A transformação na *educação* é urgente, não podemos continuar com modelos disciplinares dos séculos XVII e XVIII; as sociedades, as crianças, e os jovens necessitam da constituição de realidades socioeducativas, que acompanhem a riqueza cultural produzida nos séculos XX e XXI. No campo da comunicação é urgente superar o *instrumentalismo funcionalista*, que limita as pessoas a realizar práticas repetitivas, pouco inteligentes, mentalmente domesticadoras e redutoras das possibilidades inventivas, lúdicas, cognitivas e comunicativas, que as atuais tecnologias potencializam.

A *transformação tecnocultural* que a invenção e o funcionamento do *tempo/espço* digital tem tornado possível, suscitou, também, um desenvolvimento da *cultura das redes* dado que as conexões entre nós e sujeitos apresentam-se factíveis e em condições de intensificação, intercâmbio, cooperação e fluxo mais eficientes e dinâmicos que nos formatos atômicos. Tanto em termos de abrangência, penetrabilidade, simplicidade de instalação e funcionamento, quanto no sentido de potencialidade comunicacional e informacional a mudança é *qualitativa*; contudo, sem a base eletrônica digital e o contínuo desenvolvimento de software livre a produção de hipertexto e de processos transmidiáticos não seria possível, e não teria condições de democratização mediante a constituição de uma cidadania complexa (CASTELLS, 2009, 2013).

Apesar da existência de condições técnicas favoráveis para a mudança de paradigmas comunicacionais. A fascinação tecnológica; o caráter facilitado do exercício digital que é ofertado pelos oligopólios; e o condicionamento instrumental, que as pedagogias vigentes e as práticas profissionais fomentam, ao enquadrar as atividades humanas (trabalho, entretenimento, sexo, espiritualidade, luta) na lógica do lucro capitalista. Essa realidade restrita precisa ser questionada e superada mediante estratégias fortes de educação em cidadania comunicativa digital; há que dotar aos produtores de conhecimentos (e técnicas) de competências e recursos de trabalho inventivo. As lógicas de programação e de construção de estruturas informáticas necessitam penetrar as sociedades, há que partir da *cultura dos usos inteligentes*

e críticos e chegar à instauração de fortalezas de conhecimento em cultura e cidadania comunicativa digital.

2 Processos político sociais de mudança na América Latina

América Latina durante as décadas de 1980 e 1990 passou por uma fase de aplicações de receituários econômicos *neoliberais* e *neoconservadores* na dimensão política (STIGLIZ, 2006; CHOMSKY, 2004; MATTELART, 2002a). A maioria dos países esteve sob regimes ditatoriais explícitos, outros, como a Colômbia, tem sido “democracias” de fachada, que aplicam o terrorismo de Estado sob normas de exceção. Na fase seguinte, ao período ditatorial, na América Latina foram instaurados governos sob o modelo da *democracia liberal restrita*, que avançaram na institucionalização de direitos em relação aos regimes anteriores; porém, não resolveram o problema de concentração de poder nas oligarquias, e os conseqüentes problemas administrativos, econômicos e políticos que esse modelo gera. É um fato histórico, reconhecido pela maioria de vertentes políticas, que a *realidade* da América Latina é distinta à realidade dos berços da democracia liberal europeia e norte-americana; apesar disso, em reflexões de empirismo abstrato paradigmático tem se ensaiado, de modo repetido e fracassado, a aplicação de modelos próprios de outras configurações socioculturais, o que provoca defasagens graves entre realidade discursiva, normativa e simbólica, e a realidade socioeconômica, política e cultural. Essa situação é aproveitada por grupos de poder oligárquico, o que prejudica o potencial de fortalecimento, socialização e crescimento da constituição política de nossas formações sociais.

As forças políticas internas (elites tradicionais e modernizantes) e as forças hegemônicas internacionais (políticas e econômicas) confluíram no desenho de constituições, leis, planos econômicos, formatos de governo que pretendiam promover o *desenvolvimento* com base em concepções abstratas, fora das características multiculturais e socioeconômicas concretas das *formações sociais latino-americanas*. O resultado foi desastroso, como comprovam os relatórios anuais da Comissão Econômica para América Latina (CEPAL); os informes dos institutos de pesquisa econômica e social das melhores universidades e, até, dos relatórios do Banco Mundial (BM). O modelo promovido pelo FMI e pelo BM, que tem por trás (principalmente) o interesse oligopólico e imperial do *complexo militar industrial* EUA fracassou de maneira ampla e profunda. Uma das principais consequências disso foi o êxodo de milhões de latino-americanos para a União Europeia e Norte – América. Nos casos dos países de América

Central, Caribe, Equador, Bolívia e Colômbia o processo afetou a uma significativa porcentagem das suas populações (MALDONADO, 2006). A tragédia econômica; a fragilidade institucional: política e empresarial; a aculturação desagregadora, produzida pela mundialização cultural centrada nos sistemas midiáticos, foram componentes importantes das crises estruturais que se sucederam na virada de século na região. Não foi só uma mudança formal de século, no caso latino-americano a passagem teve transformações reais de reconfiguração das forças políticas, sociais, midiáticas e econômicas.

O desgaste das receitas de subserviência econômica/política promovida pelos EUA, o aumento da pobreza, do desemprego e a recessão econômica favoreceram a retomada de estratégias políticas e econômicas críticas, situadas no centro e na esquerda do espectro político da região. Foi assim que os partidos conservadores e liberais tradicionais tiveram que dar passo (no comando de um expressivo número de governos) a partidos e forças de *liberalismo social*, *nacionalismo* e *socialdemocracia*. As vertentes socialistas, enfraquecidas na década de 1990 pelas modas liberais e pós-modernas, apresentaram-se renovadas, e hoje influenciam uma parte significativa dos projetos de desenvolvimento sustentável na América Latina, do Chile até o México. Essa configuração crítica, com marcas das esquerdas, mostra que uma parte significativa dos cidadãos apoia as políticas democráticas de mudança; esse é um fator que os pesquisadores e intelectuais críticos têm que considerar como parte das condições favoráveis para produzir pensamento transformador estratégico.

Nessa orientação, é válido concentrar esforços na construção, divulgação, ensino e realização ampliada do conceito de *cidadania comunicacional*. Ideia que, no caso latino-americano, já tem tempo de problematização; e que, lamentavelmente, não tem conseguido estabelecer uma cultura social e acadêmica ampliada, que a fortaleça na sociedade e nas instituições de formação de profissionais e pesquisadores em comunicação. No campo das ciências da comunicação na região são hegemônicos os modelos *instrumentalistas* e os formatos de *colonialismo intelectual*; esse fato constata-se nos currículos, programas, modelos, referenciais teóricos, produção de TC, de teses e dissertações. Mudar essa heteronomia é uma necessidade básica de transformação cultural, educativa e científica. Há que considerar que os componentes da realidade concreta têm que penetrar os campos educativo, comunicativo. Aceitar o desafio construtor de uma *cultura de transformação*, na qual a pesquisa teórica e empírica seja promovida, situada e exercida como um direito básico de emancipação intelectual. É imprescindível construir culturas cotidianas de subversão das lógicas hegemônicas (de perversi-

dade, de exclusão e de atraso). É necessário estruturar um conjunto de redes conceituais, concepções e ideias operativas orientadas a mudar o mundo; nessa estratégia, a construção de uma *cidadania comunicativa complexa* é crucial.

Na dimensão econômica é preciso quebrar a lógica do mercado capitalista fundamentalista, a lógica do conservantismo burocrático acadêmico (“coronelismo intelectual”) e os esquemas e sistemas de segregacionismo que enganam à maioria de nossos adolescentes e jovens com estruturas escolares produtoras de ignorância sistêmica conservadora. Hoje não se pode separar *educação e comunicação*, sistemas informáticos e práticas pedagógicas, ações sociais relevantes e produção de conhecimento. É imprescindível quebrar o elitismo intelectual e instrumental das universidades, há que levá-las a penetrar nas sociedades, inserir nas suas estruturas acadêmicas componentes de cidadania, em especial de cidadania comunicacional. A revolução dos suportes técnicos da informática precisa ser acompanhada por uma *revolução tecnocultural* comunicacional que potencialize a riqueza da diversidade cultural, os talentos, as competências e as inteligências múltiplas (musicais, corporais, plásticas, pictóricas, matemáticas, literárias, sociais e intuitivas) (GARDNER, 1995).

Na dimensão comunicacional é necessário educar (pesquisadores, estudantes, professores e pessoas comuns) sobre seu caráter multidimensional e multicontextual. Primeiro, há que educar nas concepções, dado que o *instrumentalismo* existe e funciona como uma *ideologia naturalizada* sobre o que é informação e comunicação. Segundo, há que entrar na lógica interna, no funcionamento, na vivência, nas possibilidades dos sistemas informacionais, comunicacionais e midiáticos; os exemplos produtivos e inovadores na Internet e na comunicação alternativa são elucidativos das enormes possibilidades de transformação que contém. Simultaneamente, é necessário configurar uma noção e imediatamente uma concepção de *cidadania* que supere sua redução aos critérios jurídicos e políticos, amplie sua compreensão para seu caráter multicultural, antropológico étnico, para suas implicações micro e macro sociais; leve sua definição para seus aspectos de gênero; atravesse o conservantismo tocando seus aspectos comunicacionais, poéticos e axiológicos.

A conjuntura é favorável para pensar e agir a favor de transformações substanciais, a *realidade digital* e o processo de mudança que possibilita, independentemente e contra a preguiça burocrática, torna possível a estruturação, amadurecimento e realização de projetos estratégicos nessa dimensão. Isso só será possível se nos retro-alimentamos dos saberes *transdisciplinares* e avançamos em propostas e concepções *transmetodológicas*.

3 A opção transmetodológica

Experiências relevantes na pesquisa em receptividade comunicativa comprovam a necessidade de uma confluência multimetodológica para estruturar, trabalhar e resolver as problemáticas em comunicação (MARTÍN BARBERO, 1993; LOPES; BORELLI; RESENDE, 2002; BONIN, 2004; MALDONADO, 2002). Essa articulação cooperativa entre métodos provenientes de vários campos de conhecimento, e de várias perspectivas dentro dos mesmos campos, leva a uma exigência epistemológica de reconfiguração, atravessamento, desenho complexo, articulação, reformulação e aprofundamento dos desenhos e estratégias de investigação.

A perspectiva transmetodológica, na dimensão teórica, afirma o caráter *transdisciplinar* da produção de conhecimento crítico/estratégico, em concordância com as *epistemologias críticas transformadoras* que o pensamento revolucionário gerou no século XX (GRAMSCI, 1978; SARTRE, 1979; GORTARI, 1976; WALLERSTEIN et al., 1998; BATESON, 1998; IANNI, 2000; SANTOS, 2002; MATTELART; MATTELART, 2004; HARVEY, 2005). Nessa ótica, dialoga também com o mais instigante do pensamento *analítico* (WITTGENSTEIN, 1988; PITKIN, 1984; HALLER, 1990), *sociossemiótico* (BAKTHIN, 1993; ECO, 2003; LOTMAN, 2000), *hermenêutico* (HABERMAS, 1999) *antropológico* (CERTEAU, 1994; HALL, 2003; GARCÍACANCLINI, 1998) e *heurístico* (BATESON, 1998; MILLS, 1995; SANTOS, B., 2005). Avigorando-se, também, na apropriação dos conhecimentos que os vários campos científicos têm construído em termos de sociologia da ciência, história da ciência e filosofia da ciência (CASSIRER, 1993; KOYRÉ, 1991; KUHN, 1995; BACHELARD, 1983; POPPER, 1975; JAPIASSU, 1981; HALLER, 1990; NORRIS, 2007; LEVEBVRE, 2013) para estruturar concepções fortes e dinâmicas sobre a produção de conhecimento e sua teorização abrangente de caráter epistemológico. Concebe-se, portanto, como um pensamento aberto, *multilético*¹, crítico, transformador e transmetológico.

Transmetodológico porque parte da premissa de que a investigação científica em comunicação precisa da *confluência* profunda, cooperativa e produtora da estruturação de *métodos mistos, múltiplos*. Por conseguinte, suas lógicas, componentes teóricos, estratégias, táticas, operações e técnicas são redefinidas *indo além* dos métodos de origem; porém, respeitando

¹*Multilética*, termo que expressa uma *práxis múltipla* de caráter dialético que supera as reduções triádicas e dicotômicas do materialismo vulgar e da filosofia idealista. Refere-se à compreensão de processos, fenômenos e *práxis* de inter-relacionamentos dialéticos múltiplos, que expressam a densidade e a riqueza do *concreto* em *movimento*. Contradições, conflitos, nexos e inter-relações, nessa perspectiva, não têm formatos nem dicotômicos, nem triádicos, nem finitos. As possibilidades são múltiplas na fenomenologia dos problemas e objetos simples/complexos e nas mentalidades mais esclarecidas. Arranjos, dinâmicas, fluxos, configurações, estruturas e expressões qualitativas (que marcam distinção transformadora) realizam-se em confluências e exclusões de caráter inventivo, diverso, intenso (poético/ ético denso) e amplo.

mediante pesquisa metodológica sistemática o valor histórico/científico de cada método em seu contexto de origem. Estrutura-se a proposta *transmetodológica* como uma proposição paradoxal que se nutre da riqueza metodológica do passado, não rejeita seu valor nos limites e contextos nos quais foi enriquecedora e geradora de saberes; mas, ao mesmo tempo, estabelece seus obstáculos epistemológicos, carências e problemas metódicos.

A *transmetodologia* aprende, também, dos conhecimentos socioculturais seculares que são um alicerce crucial para compreender problemáticas sociocomunicacionais profundas, como é o caso das *matrizes milenares simbólicas* que se atualizam, reconstituem e transformam nos ambientes técnico-eletrônicos, analógicos e principalmente digitais. Tanto a produção audiovisual da grande indústria, quanto o mundo simbólico das centenas de milhões de internautas estão marcados por essas matrizes culturais de longo, amplo e profundo alcance. Mas o espectro de saberes contempla aspectos ecológicos, espirituais, sexuais, gastronômicos, medicinais, sociais e políticos. Reconhecem-se, assim, as epistemologias autóctones produzidas pela multiculturalidade humana, negando o caráter “*absoluto*” e “*totalizante*” do saber ocidental (greco-latino, anglo-saxão e germânico) que se pretende como a “única epistemologia”.

Em termos axiológicos, afirma-se o atravessamento de *ideologias* no discurso da ciência; esta, como uma instituição social, como um produto humano com suas marcas de produção e concepção (MALDONADO, 2009). Define-se a epistemologia como o produto de conhecimento atravessado, também, por concepções, teorias, lógicas e estratégias; retirando-a, assim, de um suposto pedestal de “pureza” e caráter absoluto que a tornaria “essencialmente crítica e absoluta”; esse logocentrismo, comum nos pensamentos eurocêntricos e nas versões colonizadas da vulgata metodológica, é profundamente questionado na transmetodologia, que afirma o caráter limitado, social, histórico e ideológico das epistemologias (MARX, 1977; MILLS, 1995; GORTARI, 1976; JAPIASSU, 1986; SANTOS, B., 2006; MALDONADO; BONIN; ROSÁRIO, 2013). Desse modo, estabelece-se a existência de epistemologias conservadoras, logocêntricas, excludentes, devastadoras; entre as quais, e a modo de exemplo, podemos apontar o *darwinismo* e *malthussianismo* sociais; o pensamento econômico de Milton Friedmann; a epistemologia sistêmica de Niklas Luhmann e a epistemologia político cultural de Samuel Huntington. O pensamento e o conhecimento humanos fluem em distintas orientações, em todas as épocas produziram-se conjuntos e sistemas teóricos, às vezes transformadores e críticos e muitas vezes ortodoxos, formais, etnocêntricos, retóricos. Na atualidade o paradigma

maior desse posicionamento é o *logos hegemônico ocidental* que nega as alteridades epistemológicas e suas diversas faces.

A *transmetodologia*, na versão argumentada aqui, concebe a epistemologia como uma dimensão *do conhecimento* que atravessa o conjunto das dimensões pertinentes e necessárias (teórica, lógica, metódica, técnica) para sua constituição. E assim, nega seu suposto caráter exclusivo, gnosiológico (MALDONADO, 2009), que a pensa como uma disciplina que estudaria o conhecimento enquanto dimensão teórica excludente (“ciência do pensamento”). Concebe-se a epistemologia no seu caráter geral e, ao mesmo tempo particular (na sua generalidade), como aquela dimensão/ação do pensamento que reflete, questiona, avalia, observa e propõe a partir de um exercício de compartilhamento com as dimensões técnicas, metódicas, teóricas e lógicas. Ao atravessar tudo, aprende em cooperação com as outras dimensões da produção de saberes, produz conhecimento profundo e estratégico, estabelecendo nexos maiores com a história da pesquisa, com as experiências paradigmáticas, com a filosofia da ciência, e com os processos socioculturais cruciais. Gera conhecimento construindo vínculos com as particularidades, obviedades, trivialidades, com as dimensões micro, como os detalhes, novidades e experimentações heurísticas. O fato epistemológico pode construir-se na lama, no cortiço, no bordel, nos cafés, nas ruas, trilhas e praças, nos palácios, fortalezas, arranha-céus e indústrias. Quebra-se a lógica de uma *epistemologia unidimensional* com propriedades eternas e essenciais. Define-se ela como um construto marcado pelas suas condições de produção, em especial pelos sujeitos pensadores que a fabricam e neles as matrizes, sistemas, concepções e orientações de pensamento; por conseguinte, a *epistemologia* na concepção *transmetodológica* é pensada no plural como *epistemologias* (JAPIASSU, 1986; MALDONADO; BONIN; ROSÁRIO, 2013) que são o produto de distintos processos de estruturação de pensamentos, teorias, percepções, valores e ideologias.

É nesta *diversidade* e pertinência que a *transmetodologia* se inter-relaciona, aproxima e se torna adequada, operativa e cooperativa com as linhas de investigação que buscam a mudança, a transformação sociocultural, acadêmica e de formas de vida. Concebe-se como uma *epistemologia crítica* (definição que o formalismo e a vulgata gramatical considerariam tautológica) que configura pensamento, conhecimento, experiência, projetos e programas de ação para transformar o mundo.

Na perspectiva da *cidadania comunicacional* a prática transmetodológica contribui para ampliar a concepção de cidadania (em construção) como um campo de pesquisa, empírica e

teórica, crucial para a configuração de pensamentos que possibilitem compreender e trabalhar com as revoluções tecnológicas contemporâneas e as mudanças socioculturais estruturadas na atualidade. Os aspectos jurídicos, políticos e sociais [da *cidadania*] precisam afinar-se com os componentes comunicacionais de sua constituição. Na fase atual, em que cada vez mais as pessoas se tornam e têm a possibilidade de serem *produtoras de signos* que circulam de maneira abrangente, diminuiu significativamente o empecilho técnico para divulgar mensagens para milhões de pessoas, a potência de transmissão não requer de custosas e poderosas antenas; hoje a *circulação* depende mais de aspectos culturais para estabelecer *pactos de comunicação, nexos de leitura, hábitos culturais, vínculos e reconhecimentos simbólicos*.

O processo de mudança da civilização, que configura os *modos de vida (ethos)*, tem como elemento importante de sua constituição a participação de culturas e sistemas midiáticos, informacionais e tecnocientíficos que condicionam significativamente as estruturas socioculturais. O pensamento comunicacional tem que assumir o desafio de produzir conhecimento (e projetos de ação), que inclua na suas estratégias os componentes paradoxais e reais que potencializam a transformação sociocultural; essa mudança depende em muito dos *sujeitos históricos*, em especial daqueles que conformam o campo de pesquisa em comunicação. Que esse esforço intelectual contribua para que as novas formas de vida, no futuro, sejam de bem-viver, justas, humanistas e solidárias; formas melhores que o *capitalismo fundamentalista de mercado* (hegemônico atualmente). *Cidadania comunicacional* implica educar nos meios e com os meios para a mudança; exige superar o *instrumentalismo* e o *funcionalismo*, tornando a prática comunicacional um exercício de reflexão criativa, uma força de produção política subversora que potencialize e configure culturas de fraternidade, poesia, fruição estética, afeto, trabalho inventivo, contradição produtiva e multiculturalidade democrática.

Referências

- BACHELARD, Gaston. **A epistemologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Loyola, 1993.
- BATESON, Gregory. **Pasos hacia una ecología de la mente**. Buenos Aires: Lumen, 1998.
- BONIN, Jiani A. Estratégia multimetodológica de captação de dados em pesquisa de recepção: a experiência da investigação telenovela, identidade étnica e cotidiano familiar. Rastros, Joinville, v. 5, p. 6-18, 2003.

- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 12. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009. (A era da informação: economia, sociedade e cultura, v. 1).
- CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- CASSIRER, Ernst. El renacer del problema del conocimiento el descubrimiento del concepto de la naturaleza los fundamentos del idealismo. In: CASSIRER, Ernst. **El problema del conocimiento en la filosofía y en la ciencia modernas**. 5.ed. México, DF: Fondo de Cultura Económica, 1993. v. 1.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHOMSKY, Noam. **O império americano**: hegemonia ou sobrevivência. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- CORTINA, Adela. **Cidadãos do mundo**: para uma teoria da cidadania. São Paulo: Loyola, 2005
- ECO, Umberto. **Tratado geral de semiótica**. 4.ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- GARDNER, Howard. **Inteligências múltiplas**: a teoria na prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 1998.
- GORTARI, Eli de. **Lógica general**. México: Grijalbo, 1976.
- GRAMSCI, Antonio. **Obras escolhidas**. São Paulo: Martins Fontes, 1978.
- HABERMAS, Jürgen. La problemática de la comprensión en las ciencias sociales. In: _____. **Teoría de la acción comunicativa**. Madrid: Taurus, 1999. t. 1.
- HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG: Brasília, UNESCO, 2003. (Humanitas, 93).
- HALLER, Rudolf. **Wittgenstein e a filosofia austríaca**: questões. São Paulo: EDUSP, 1990.
- HARVEY, David. **Guía de El Capital de Marx**: libro primero. Madrid: Akal, 2014.
- IANNI, Octavio. **Enigmas da modernidade-mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- JAPIASSU, Hilton. **Introdução ao pensamento epistemológico**. 4.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.
- JAPIASSU, Hilton. **Questões epistemológicas**. Rio de Janeiro: Imago, 1981.
- KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 1995.

LEFEBVRE, Henri. **Lógica formal, lógica dialéctica**. 2.ed. Madrid: Siglo XXI de España, 2013.

LOPES, M. I. V. de; BORELLI, S. H. S.; RESENDE, V. da R. **Vivendo com a telenovela**: mediações, recepção, teleficcionalidade. São Paulo: Summus, 2002.

LOTMAN, Yuri M. Semiótica de las artes y de la cultura. In: LOTMAN, Yuri M. **La semiosfera**. Madrid: Cátedra; Valencia: Universidad de Valencia, 2000. v. 3.

LUHMANN, Niklas. **A improbabilidade da comunicação**. Lisboa: Vega, 2001.

LUHMANN, Niklas. **Sistemas sociais**: lineamentos para una teoría general. Barcelona: Anthropos, 1998.

MALDONADO, A. Efendy. **Transmetodología de la investigación teórica en comunicación**: análisis de la vertiente Verón en América Latina. Quito: CIESPAL, 2009.

MALDONADO, A. Efendy (Org.). **Metodologias de pesquisa em comunicação**: olhares, trilhas e processos. 2.ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MALDONADO, A. Efendy; BONIN, Jiani A.; ROSÁRIO, Nísia M. do (Orgs.). **Perspectivas metodológicas em comunicação**: novos desafios na prática investigativa. Salamanca: Comunicación Social, 2013.

MALDONADO, A. Efendy (Coord.). **Panorâmica da investigação em comunicação no Brasil**: processos receptivos, cidadania e dimensão digital. Salamanca: Comunicación Social, 2014.

MALDONADO, A. Efendy. Produtos midiáticos, estratégias, recepção: a perspectiva transmetodológica. **Ciberlegenda**, Niterói, n.9, 2002. Disponível em: <<http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/view/299>>. Acesso em: 4out. 2015.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **De los medios a las mediaciones**: comunicación, cultura y hegemonía. 3. ed. Barcelona: Gustavo Gili, 1993.

MARX, Karl. **Contribuição para a crítica da economia política**. 5. ed. Lisboa: Estampa, 1977.

MATTELART, Armand. **História da sociedade da informação**. São Paulo: Loyola, 2002a.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. **Pensar as mídias**. São Paulo: Loyola, 2004.

MILLS, C. Wright. **La imaginación sociológica**. Santiago: Fondo de Cultura Económica, 1995.

NORRIS, Christopher. **Epistemologia**: conceitos chave em filosofia. Porto Alegre: Artmed, 2007.

PIKETTY, Thomas. **O capital no século XXI**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

PITKIN, HannaF. **Wittgenstein**: el lenguaje, la política y la justicia. Madrid: Centro de Estudios Constitucionales, 1984.

POPPER, Karl. **Conhecimento objetivo**: uma abordagem evolucionária. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1975.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **El milenio huérfano**: ensayos para una nueva cultura política. Madrid: Trotta, 2005. (Estructuras y Procesos. Ciencias Sociales).

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: EDUSP, 2002.

SARTRE, Jean-Paul. **Crítica de la razón dialéctica**: teoría de los conjuntos prácticos. 1. ed. 1 reimp. Buenos Aires: Losada, 2011. (Biblioteca de Obras Maestras del Pensamiento).

STIGLIZ, Joseph E. **El malestar en la globalización**. Madrid: Santillana, 2006.

WALLERSTEIN, Immanuel et. al. **Para abrir as Ciências Sociais**. São Paulo: Cortez, 1996.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigaciones filosóficas**. México, DF: UNAM; Barcelona: Crítica, 1988.

Trans-methodology, communicative citizenship and technocultural transformation

Abstract

The present historical processes of change, especially those that are happening in Latin America and Brazil, inspired this theoretical and methodological reflection. Along with it, there is the technocultural transformation expressed in the digitalization of production conditions and media; the social political processes of change that take place in Latin America; the possibility of overcoming the restrict liberal democracies; and the structuring of strategies for the production of knowledge directed to sociocultural transformation, as is has been proposed by the non hegemonic epistemologies throughout the last decades. The argumentation goal seeks to raise a theoretical problematization that interrelate the referred dimensions; in opposition to the linear instrumental logic, it opens epistemic junctions that question the easy instrumentalism of ready results.

Keywords

Digital transformation. Communicative citizenship. Trans-methodology.

Recebido em 11/09/2015

Aceito em 15/12/2015

Copyright (c) 2015 Alberto Efendy Maldonado. Creative Commons License. Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. Os Direitos Autorais dos artigos publicados neste periódico pertencem aos autores, e os direitos da primeira publicação são garantidos à revista. Por serem publicados em uma revista de acesso livre, os artigos são de uso gratuito, com atribuições próprias, em atividades educacionais e não-comerciais.

